



12º Fórum da Internet no Brasil
(FIB12)

Relatório do Workshop “Bem-estar e uso de tecnologia para o mundo do trabalho:
desenvolvendo habilidades e educando jovens e adolescentes.”

1 de junho de 2022

Natal - Rio Grande do Norte

ÍNDICE

1. Informações sobre a atividade	3
2. Estruturação do Workshop	4
2.1. Objetivos propostos	4
2.2. Resultados obtidos	4
2.3. Justificativa em relação à governança da Internet	6
2.4. Metodologia e formas de participação desenvolvidas durante a atividade	7
3. Síntese dos debates	9
3.1. Palestrantes	9
3.2. Participantes da plateia	16

1. Informações sobre a atividade

- **Título:** “Bem-estar e uso de tecnologia para o mundo do trabalho: desenvolvendo habilidades e educando jovens e adolescentes.”
- **Tema:** Crianças e Adolescentes; Futuro do trabalho; Capacitação digital; Bem-estar e Saúde Mental.
- **Formato:** Painel
- **Proponente:** Isabella Ferro, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) Comunidade Científica e Tecnológica.
- **Co-proponente:** Guilherme Alves, Safernet Brasil, Terceiro setor.
- **Palestrantes:**
 - **Wilson Guilherme, Cidadão Digital, Terceiro setor.** Mestrando em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça pela UNIR, advogado e embaixador do programa cidadão digital da Safernet e Meta em 2021.
 - **Fabiolla Carpes, Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, setor Governamental.** Formada em pedagogia pela UFES, pós-graduada em Psicopedagogia institucional pela UNISUL e servidora de carreira na secretaria de educação do estado de Santa Catarina desde 1993.
 - **Karen Scavacini, Instituto Vita Alere, Comunidade Científica e Tecnológica.** Psicóloga, doutora em psicologia escolar e do desenvolvimento humano da USP e CEO do Instituto Vita Alere de prevenção e posvenção do suicídio.
 - **Carolina Ferracini, Meta, setor Empresarial.** Gerente de programas e campanhas em políticas públicas da META, mestra em Igualdade de oportunidades e doutora em sociologia do direito pela universidade de Milão.
- **Moderador:** Guilherme Alves, Safernet Brasil, Terceiro Setor. Jornalista (UERJ) e mestre em Tecnologia e Sociedade (UTFPR). É gerente de projetos na Safernet Brasil, coordenando iniciativas para o uso seguro, crítico, responsável e positivo da internet e das tecnologias.
- **Relatora:** Tayná Gomes, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Comunidade Científica e Tecnológica. Graduada em Psicologia pela UFS

(2021); Licencianda em Teatro (UFBA); embaixadora do Programa Cidadão Digital pelo Estado de Sergipe (2021); Jovem participante do programa Geração Zelo da ASEC em parceria com a UNICEF (2022); atriz, escritora-poeta e pesquisadora das intersecções entre questões étnico-raciais, arte, gênero, saúde mental e Psicologia.

2. Estruturação do Workshop

2.1. Objetivos propostos

Sabemos que o bem-estar digital e o uso de tecnologias são tópicos emergentes no debate sobre saúde mental de jovens e adolescentes. Apesar disso, ainda são incipientes na Governança da Internet as discussões que alinham esses tópicos à formação profissional em um mundo do trabalho cada vez mais digitalizado, onde problemas como a fadiga de telas e o trabalho remoto impõem desafios.

Diante deste cenário, o workshop buscou produzir um debate entre diversos setores da sociedade partindo de três objetivos principais que foram: 1) Discutir a relação entre bem-estar/saúde mental e uso de tecnologias para adolescentes e jovens, 2) Entender como alinhar esse debate à crescente preocupação sobre saúde mental no ambiente de trabalho; e 3) Apresentar estratégias, desafios e boas práticas multissetoriais que possam servir de modelo para políticas públicas sobre o tema, partindo também das perspectivas existentes no crescente debate entre as juventudes e as preocupações recorrentes com os possíveis danos à Saúde Mental.

A discussão buscou alinhar o debate em saúde mental e bem-estar à preocupação com uma educação e formação profissional que não apenas capacitem as juventudes para os desafios do mercado de trabalho, mas também para que desenvolvam soluções para tendências como o ensino e o trabalho remoto e as implicações da digitalização crescente da vida.

2.2. Resultados obtidos

As contribuições das pessoas convidadas para o painel, além de complementares, foram contundentes ao afirmar a importância de não somente compreender, como também questionar a maneira como as tecnologias têm sido usadas a favor ou não das juventudes no que diz respeito ao mercado de trabalho. E enfatizamos o “juventudes” no plural porque entendemos que existem diversas maneiras de experimentar essa fase da vida, levando em consideração contextos,

regionalidades e outros marcadores sociais como gênero, cor/raça, sexualidade, classe social etc).

O palestrante Wilson Guilherme, por exemplo, indagou quais são os sentimentos que o ingresso no mundo do trabalho têm gerado nos(as) jovens e se o mercado de trabalho está pensando e se preparando para não somente recebê-los(as), mas também acolher questões de saúde mental que têm sido cada vez mais debatidas, embora nem sempre acolhidas de fato.

Juntamente a estas indagações, no que diz respeito a utilização da Internet, duas apostas importantes foram sendo construídas e costuradas a partir das falas dos(as) palestrantes. A primeira delas foi a seguinte: a Internet precisa ser esse espaço que resguarda os nossos direitos, visto que nela criamos ambientes que os(as) jovens utilizam para estudar e trabalhar, mas também para ganhar suporte nas suas causas, desabafar sobre suas dificuldades, se conectar e expandir a sua rede, assim como reconhecer-se diante dos conhecimentos partilhados nesse espaço. E a segunda foi a compreensão de que para mantermos um compromisso ético-político de diversidade e inclusão na governança da Internet, é imprescindível que essas juventudes estejam presentes e reconheçam a rede como uma tecnologia para o lazer, a formação profissional e o trabalho, mas também para engajar-se politicamente.

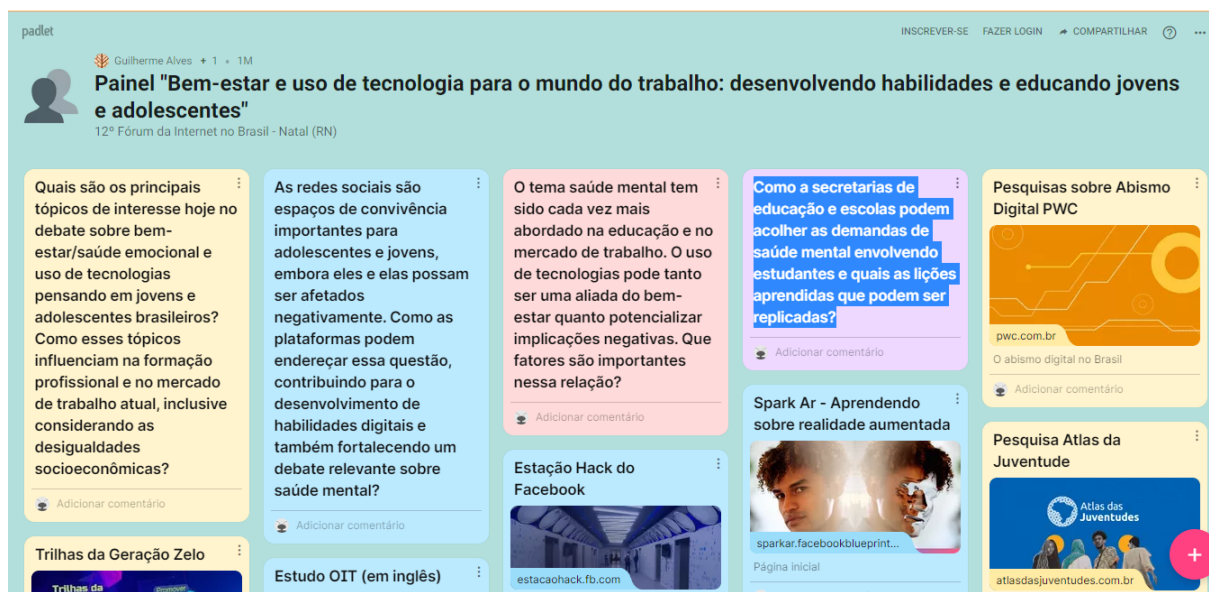
A discussão do painel também enfatizou a necessidade de psicoeducar as juventudes não somente para as chamadas “profissões do futuro”, presentes em um mercado de trabalho cada vez mais digitalizado, mas também para que o tempo online possa sustentar um cuidado com a nossa Saúde Mental e bem-estar — reivindicando o direito, sobretudo, à desconexão e a um ambiente de trabalho que se ocupe em ofertar possibilidades para estes cuidados. Entendemos que, assim, é possível incentivar que as juventudes (mas não somente elas) possam se preparar e refletir sobre o uso seguro, crítico, ético, saudável e responsável da Internet, seja na relação com o cotidiano ou na relação com o mercado de trabalho.

O trabalho e o ensino remoto durante a pandemia trouxeram impactos significativos na forma como usamos a Internet, e isso se refletiu também em nossa saúde física e mental, como bem pontuou a palestrante Karen Scavacini. A separação entre casa e trabalho (lugar de descanso e lugar de trabalho), por exemplo, tornou-se tênue ou mesmo inexistente, e é necessário que a formação profissional das(os) jovens inclua também um preparo para lidar com isso de forma propositiva.

Outro aspecto importante que obtemos como resultado dessa discussão é que os(as) jovens devem ser vistos(as) e incentivados(as) a serem agentes de inovação e criação a partir das competências que possuem. Como exemplo disso, a palestrante Carolina Ferracini apresentou a proposta do programa “Cidadão Digital” (uma parceria da Safernet Brasil e da Meta) que proporciona uma educação entre

pares que coloca a juventude no papel de multiplicação de conhecimentos em cidadania digital pensados por e para os(as) jovens. O que nos leva a considerar também a necessária revisitação das políticas de empresas privadas ou públicas, ONGs e outras instituições, que podem estar ofertando oportunidades a essas juventudes ao incentivar o desenvolvimento de tecnologia. E, por fim, envolver as a rede formal de ensino, já que as escolas e secretarias de educação são comumente as primeiras instituições a terem contato com as demandas que surgem de adolescentes — algo tratado pela convidada Fabíolla Carpes.

Para concluir, entendemos que todas essas questões em aberto podem encontrar soluções a partir da democratização de competências para desenvolver tecnologias e políticas públicas a partir da educação.



Como resultado concreto da discussão, criamos um quadro visual na plataforma Padlet compilando os tópicos e referências trazidas pelos palestrantes. Um QR-code dando acesso ao link foi disponibilizado durante a apresentação da mesa no evento, ficando aberto para que aqueles(as) que tivessem interesse pudessem contribuir com materiais, comentários ou outras referências que acrescentassem nos debates realizados. [Link para acesso](#).

2.3. Justificativa em relação à governança da Internet

O art. 2º do Marco Civil da Internet tem como fundamento os direitos humanos, o desenvolvimento da personalidade e o exercício da cidadania em meios digitais. O direito à saúde, por sua vez, é elencado no art. 6º da Constituição, respaldado pelo art. 7º e seguintes do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Priorizar debates para a saúde e bem-estar da juventude, em um contexto educacional e de capacitação para o mercado de trabalho em transformação digital, se torna de maior importância quando observamos dados da pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus (2021, Conjuve), no qual 36% dos respondentes avaliaram seu estado emocional como "ruim" ou "péssimo", enquanto 56% declararam um uso exagerado das redes sociais.

A Estratégia Brasileira de Transformação Digital visa criar uma estratégia multissetorial para compreender as mudanças estruturais causadas pelo aprofundamento do uso da tecnologia digital no Brasil, incluindo perspectivas para educação e formação de profissionais para as novas profissões do mercado de trabalho.

Como estratégia para encarar os desafios que as TICs apresentam para o futuro do trabalho, temos de construir propostas de bem-estar e capacitação emocional da juventude, com foco na saúde. O painel propõe a construção multissetorial de caminhos para políticas públicas de educação que precisam contemplar não apenas o uso pedagógico e instrumental das TICs, mas também incluir o uso responsável e saudável das tecnologias de maneira sistemática. De tal forma, visa apresentar desafios e abordar estratégias para políticas públicas e privadas de relacionamentos saudáveis com as TICs no contexto brasileiro. Isso se torna mais relevante para os debates da Governança da Internet quando enfrentamos as perspectivas de desemprego estrutural, desaparecimento de profissões e de necessidade de capacitação de jovens e adolescentes para as chamadas "profissões do futuro".

2.4. Metodologia e formas de participação desenvolvidas durante a atividade

O moderador apresentou em 5 minutos o contexto do workshop, os palestrantes e as perguntas direcionadoras da discussão, que foram:

- Para Wilson Guilherme: “Quais são os principais tópicos de interesse hoje no debate sobre bem-estar/saúde emocional e uso de tecnologias pensando em jovens e adolescentes brasileiros(as) e como esses tópicos influenciam na formação profissional e no mercado de trabalho atual, inclusive considerando as desigualdades socioeconômicas?”;
- Para Karen Scavacini: “O tema saúde mental tem sido cada vez mais abordado na educação e no mercado de trabalho. O uso de tecnologias pode tanto ser uma aliada do bem-estar quanto potencializar implicações negativas. Que fatores são importantes nessa relação?”;
- Para Carolina Ferracini: “As redes sociais são espaços de convivência importantes para adolescentes e jovens, embora eles e elas possam ser afetados negativamente. Como as plataformas podem endereçar essa

questão, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades digitais e também fortalecendo um debate relevante sobre saúde mental?”

- Para Fabíolla Carpes: “Como a secretarias de educação e escolas podem acolher as demandas de saúde mental envolvendo estudantes e quais as lições aprendidas que podem ser replicadas?”.

Após esse momento, foram iniciadas 2 rodadas, de 20 minutos cada, direcionadas a 2 palestrantes por vez. Ao término da primeira rodada as pessoas presentes na mesa puderam interagir com as duas primeiras pessoas palestrantes, direcionando perguntas ou complementando brevemente as falas que foram feitas. Infelizmente, não foi possível abrir a segunda rodada de interação após o término das contribuições, uma vez que o painel iniciou com atraso.

Ao final da segunda rodada, o moderador convidou as pessoas presentes no evento e aqueles(as) que estavam assistindo virtualmente para fazer as suas perguntas. O tempo dedicado às perguntas, comentários e respostas de convidadas e convidado foi de 20 minutos. Para os últimos comentários dos(as) palestrantes, do moderador e da relatora, cada pessoa teve 2 minutos. A audiência remota participou a partir da ferramenta de chat no canal do Youtube, enviando comentários e fazendo considerações sobre as falas realizadas.

3. Síntese dos debates

3.1. Palestrantes

Palestrante	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
Wilson Guilherme (Cidadão Digital)	Posicionamento	A Internet precisa ser um espaço que resguarde os direitos das juventudes, pois ela é também um lugar no qual os(as) jovens desabafam, se conectam, reconhecem a si em outras pessoas e entendem um pouco mais sobre como se mobilizar construindo redes que compreendam e busquem pelos seus direitos. De igual maneira é fundamental que as empresas, ONGs e outras instituições se ocupem de construir juntamente aos jovens as políticas que dão suporte a inserção deles/delas no mercado de trabalho, entendendo inclusive como utilizar as tecnologias a favor das juventudes e respeitando seu cuidado com a saúde mental e o bem-estar.	Consenso	É preciso entender também que manter um comprometimento ético-político com a governança da Internet e com o bem-estar e saúde mental das juventudes requer colocar à frente das idealizações e realizações estas mesmas juventudes, buscando entender junto a elas quais são as estratégias possíveis pelas quais os(as) jovens podem ser inseridos(as) nas construções das tecnologias e das noções operantes no mercado de trabalho levando em consideração as suas necessidades e dificuldades.

Palestrante	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
Karen Scavacini (Instituto Vita Alere)	Posicionamento	<p>Pesquisas, como a realizada pelo Atlas das Juventudes no ano de 2020 intitulada “Juventudes e a Pandemia do Coronavírus”, evidenciam que houve um forte impacto da pandemia do Covid-19 na saúde mental de jovens e adolescentes. Ao mesmo tempo, com a intensificação do uso das redes sociais neste período em que a Internet foi utilizada de maneira mais intensa, substituindo os encontros presenciais, notou-se aumento nas pesquisas em sites de busca sobre “saúde mental”. Isso evidenciou um maior interesse em cuidar da Saúde Mental diante de todos os danos que os efeitos da pandemia vinham provocando na saúde (de maneira geral) das pessoas. É válido compreender que os recursos, ferramentas e conhecimentos também disponíveis na Internet podem ser úteis no processo de psicoeducação, visto que uma educação em Saúde Mental ajuda a diminuir os impactos negativos tanto no bem-estar quanto nas próprias noções e cuidados na saúde mental das juventudes.</p>	Consenso	<p>Esse processo de psicoeducação deve ser feito de maneira responsável e crítica, incentivando que sejam feitas distinções entre o que é terapêutico e o que é de fato um acompanhamento psicoterápico em Saúde Mental, assim como demarcar que as publicações, vídeos e outras formas de partilhar conhecimentos psicoeducativos podem oferecer um suporte, mas não substituem a busca por ajuda de profissionais da área da saúde. Além do mais, é de suma importância que seja de conhecimento dos(das) jovens os serviços e canais de ajuda disponíveis dentro e fora da Internet.</p>

Palestrante	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
Carolina Ferracini (Meta)	Posicionamento	<p>É crucial que as empresas possam desenvolver projetos que aproximem as juventudes das oportunidades de trabalho, levando em consideração o resguardo dos seus direitos, assim como as perspectivas das juventudes no que diz respeito a bem-estar e saúde mental. Os(as) jovens precisam encontrar espaços onde possam desenvolver suas potencialidades na construção das tecnologias e o acesso a esse tipo de competência precisa ser democratizado, entendendo que isso pode ser feito principalmente através da educação. A Meta está investindo no mundo do trabalho, na igualdade e no empoderamento dos(das) jovens para que tenham oportunidades de trabalho na Internet assegurando o bem-estar e a segurança. Um dos programas destaques é o “Cidadão Digital”, que busca instigar os(as) jovens a compartilharem conhecimentos em cidadania digital, bem como a construir políticas públicas para eles/elas, influenciando também como essas políticas serão entregues para o país através da educação entre pares.</p>	Consenso	<p>Projetos de realidade aumentada também têm buscado colocar em destaque as juventudes, tentando tornar cada vez mais fácil o acesso a esses conteúdos e competências digitais. Isso visa estimular as juventudes para que elas sejam agentes criadoras de inovações.</p>

Palestrante	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
		<p>Outra iniciativa é a “Estação Hack” que busca construir competências digitais em tecnologia com jovens que são treinados(as) lá, também acelerando startups neste espaço. Isso gera oportunidades diversas de trabalho e estágios para estas juventudes.</p>		
<p>Fabiolla Carpes (Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina)</p>	<p>Posicionamento</p>	<p>O NEPRE (Núcleo de Educação e Prevenção às Violências na Escola) foi desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina com o objetivo de gerar discussões sobre temas como: uso e abuso de substâncias psicoativas, educação sexual e violências como a sexual. Tem as suas ações pautadas na Política de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento às Violências na Escola. Um de seus resultados foi o 1º Caderno Pedagógico com reflexões para a implementação da política de educação, prevenção, atenção e atendimento às violências na escola, sendo composto por uma equipe multidisciplinar. O objetivo é trazer a educação e a prevenção em relação às</p>	<p>Consenso</p>	<p>É preciso pensar na educação como uma potente ferramenta no desenvolvimento de habilidades das juventudes e democratizar as construções de políticas públicas que cuidem da saúde mental e do uso crítico e seguro da Internet. As escolas e outras instituições de ensino devem ser incentivadas a desenvolverem estratégias e metodologias que se amparem também no desenvolvimento crítico, ético, seguro e responsável da Internet e das tecnologias levando em consideração o impacto que isso produz na saúde e no desenvolvimento das juventudes.</p>

Palestrante	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
		<p>violências. Em 2017 o NEPRE começou a utilizar a Internet para melhorar a comunicação entre as suas unidades, ampliando o acesso às questões que apareciam nas escolas. Mas ainda assim sentiu falta de um mapeamento estruturado dessas demandas, o que culminou na produção do Painel do NEPRE onde tornou-se mais fácil identificar os tipos de violência e ações de prevenção das mesmas. A partir deste painel, notaram uma crescente nos casos de bullying e cyberbullying nas escolas, com impactos significativos na saúde mental de adolescentes, o que despertou o NEPRE para a importância de trazer conhecimento aos profissionais sobre como trabalhar as questões referentes ao tema. A demanda fez com que o NEPRE iniciasse uma parceria com a ONG Safernet que disponibilizou acesso ao curso online “Educando para boas escolhas online”. Nessa parceria surgiu também uma ponte com o programa “Cidadão Digital” para capacitar os(as) alunos(as), diante da compreensão de que</p>		

Palestrante	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
		<p>tão importante quanto capacitar os(as) educadores(as) das escolas, seria capacitar os(as) jovens para lidar com o cyberbullying. Isso gerou um impacto muito positivo nesse segmento, revelando a importância dessas iniciativas e parcerias. Na pandemia, o NEPRE decidiu investigar como seria possível dar continuidade a estes trabalhos que já estavam sendo desenvolvidos nas escolas e foi aí que criaram um caderno de atividades para que os(as) alunos(as) desenvolvessem pela Internet (considerando a pandemia) juntamente com os(as) professores(as) uma continuidade deste trabalho. O caderno ganhou o seguinte título: “Educação, Prevenção e Promoção de Saúde em Interface com a COVID-19”. Além disso desenvolveram a hashtag “#novoshabitosc” para que alunos(as) e professores(as) colocassem os seus trabalhos nas plataformas digitais. Os(as) alunos(as) e professores(as) começaram a compartilhar as estratégias que estavam utilizando para lidar com a pandemia, o cuidado em saúde mental e as questões</p>		

Palestrante	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
		<p>que apareciam nas redes sociais (incluindo as violências) e o projeto deu tão certo que, além de notar mudanças significativas no desenvolvimento dos(as) alunos(as) sobre os temas, já está em processo o desenvolvimento do segundo caderno. Isso evidencia a importância das parcerias entre instituições de ensino e outras com projetos sociais voltados para educação também em cidadania digital, assim como torna ainda mais evidente o potencial que a educação tem para transformar realidades e mitigar situações de violências.</p>		

3.2. Participantes da plateia

Participante da plateia	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
André Fernandes	Pergunta	Como que vocês endereçam e pensam, a partir das organizações de vocês, essa pressão que se coloca nos jovens que precisam criar um conjunto de habilidades quando na maioria dos contextos, especialmente no Brasil, a gente não tem sequer possibilidade de criação de habilidades básicas da juventude, e que é uma juventude que não é escutada, nos seus processos na construção de políticas seja na escola, seja dentro das empresas, seja dentro do governo... Então eu queria saber como vocês pensam esse ponto.	-	Desenvolvimento de habilidades Desigualdades e seu reflexo nas oportunidades Apoio a jovens em situação de vulnerabilidade Políticas públicas
Guilherme Libardi	Pergunta	Eu me pergunto sobre até que ponto essas páginas sobre saúde mental estão de fato ajudando as pessoas a um desenvolvimento de uma saúde mental, e também que	-	Estratégias de comunicação para conscientização sobre o tema saúde mental Envolvimento das organizações de tecnologia na conscientização sobre

Participante da plateia	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
		<p>tipo de conteúdo é esse e qual o resultado disso no médio e longo prazo na vida desses jovens e para esse reconhecimento da importância da Saúde Mental... Quería saber da Karen o que ela pensa sobre essa onda, esse movimento de tantas páginas e também profissionais da psicologia, psicanálise dando suas opiniões, enfim, tentando se comunicar com uma larga audiência sabendo que cada uma vai ter as suas especificidades.</p>		<p>o tema</p> <p>Divulgação de canais de ajuda e denúncia</p>
Polinho	Posicionamento e pergunta	<p>Eu faço parte do Data Labe, que é um laboratório que fica dentro do complexo de favelas da Maré, e a minha pergunta é muito pensando no jovem que eu era, e agora lido, que é o jovem periférico. A gente está falando de bem-estar e uso de tecnologias e dentro das favelas cariocas a gente consegue observar que houve uma mudança no sonho da juventude. As</p>	-	<p>Desigualdades socioeconômicas e impacto nas oportunidades</p> <p>Engajamento em causas</p> <p>Idealização sobre o que significa trabalhar “na internet” e “com a internet”</p>

Participante da plateia	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
		<p>crianças do meu tempo sonhavam em ser jogador de futebol e as crianças de agora sonham em ser um jogador master de <i>Free Fire</i>. E isso gera uma pressão dentro do jovem periférico de não alcance de possibilidade porque o acesso a isso exige uma Internet completamente diferenciada que na favela não tem e eu queria aproveitar que temos aqui um representante da Meta, e pensando em um outro sonho de ser influenciador social, o jovem periférico fica sempre cinco passos atrás no engajamento nas redes porque ou ele não tem o rosto branco ou ele não tem o fundo sólido, e aí ele precisa construir e pensar e isso vai gerando uma série de ansiedades e pressões e exclusões no caminhar desse jovem quando ele consegue acessar... Então como vocês são pessoas, pesquisadores que estão estudando e pensando essa</p>		

Participante da plateia	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
		<p>relação da Internet, das juventudes e tecnologias, quais dicas vocês dão para esses jovens que estão tentando alcançar e que por serem completamente excluídos não conseguem, se frustram e ficam sempre correndo atrás de algo que a própria plataforma às vezes não facilita o acesso deles?</p>		
Carol	Posicionamento e pergunta	<p>Polinho antecipou a minha pergunta, então queria mais complementar o que ele falou... Porque eu acho que além dessa perspectiva do trabalho na Internet como essa coisa glamurificada do potencial jogador digital, do influenciador, a gente tem uma juventude que tá lidando na Internet com um trabalho muito precarizado. Que sempre convivemos, claro, mas a Internet abre um potencial enorme de uma uberização do trabalho, com pessoas que por exemplo têm jornadas longas e recebem pouco</p>	-	<p>Precarização do mercado de trabalho e impacto para juventudes</p> <p>Uberização e trabalho por plataformas digitais</p> <p>Golpes digitais</p>

Participante da plateia	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
		<p>e não entendem que isso configura um trabalho por estar dentro de um contexto digital. Ou que estão em ambientes, ferramentas, em aspectos puramente digitais, mas são quase cooptados por um mercado predatório de algo que eu não posso nem dizer se é trabalho, como fazendas de cliques ou pessoas que são cooptadas para esquemas de pirâmide entendendo que aquilo vai gerar uma renda para ela que não é efetivamente um trabalho, mas as pessoas sendo vítimas de alguma coisa. Então eu queria complementar a fala do Polinho com esse outro lado, que é como a gente pode capacitar essas juventudes para entender que sim, você pode trabalhar na Internet, que não seja necessariamente como influenciador ou como essas outras profissões mais conhecidas. Mas que dá pra trabalhar na Internet ainda de forma digna e</p>		

Participante da plateia	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
		respeitando os seus direitos. Então como é que a gente pode fomentar essa discussão e esse conhecimento por parte das juventudes, especialmente as juventudes em situação de vulnerabilidade social? Obrigada, gente!		
Frederico	Posicionamento	Professor Frederico aqui, eu sou lá do Tribunal Superior Eleitoral, vou aproveitar só pra falar um pouco da nossa atividade aqui observando os jovens participando nas redes sociais, a gente também está a partir desse ano verificando essa potencialidade dos jovens também abrindo algo que é extremamente formal dentro de um tribunal: a comunicação. Este ano, por exemplo, a gente convocou junto com a Meta também vários jovens para participar de um programa de incentivo de retirada do título, a gente fez isso no Brasil inteiro acontecer, coisa que antes	-	Engajamento cívico de jovens Desenvolvimento de habilidades

Participante da plateia	Tipo de manifestação	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos a aprofundar
		<p>nunca tinha acontecido. E este ano, vamos falar amanhã no workshop, de uma frente nacional de combate a desinformação que estamos fazendo no Brasil todo, também saindo de dentro do poder judiciário para fora, para poder convidar todas as pessoas a participarem. Então vejam que a força dos jovens está movendo instituições de muitos anos que não se abriam para isso, então estamos aqui para contar isso pra vocês também.</p>		